

Da escola para os palcos

Trabalhar Gil Vicente com o “Auto da Barca do Inferno” sempre foi minha prioridade nos primeiros anos. Meu projeto surgiu da necessidade de fazer com que meus alunos entendessem a obra e pudessem vivenciá-la. Introduzi a literatura na sala de aula e fiz um plano, onde uma vez por semana estudávamos a obra. Confesso que não é fácil trabalhar literatura com essa geração, mas aos poucos foram se acostumando. E vendo que eu podia ampliar o interesse, sugeri a encenação.

Tudo começou com testes e divisão para o elenco. No decorrer do processo as idéias foram surgindo e tornando-se uma prática viva na vida de cada um. A arrecadação de alimentos foi idéia dos próprios alunos e essa responsabilidade social nos fez ter a certeza que estávamos no caminho certo. Inculcar nos nossos alunos valores morais e éticos, fazendo-os enxergar que nós estamos no mundo para fazer a diferença e que temos a obrigação de contribuir para um mundo melhor.

Agora precisávamos adaptar a obra para uma linguagem próxima do nosso cotidiano. Então, adaptei-a e começamos os ensaios. Muitas foram as dificuldades enfrentadas, mas a maior delas foi o tempo. No começo ensaiávamos as terças, quintas e domingos e já no final, todos os dias. Foi uma experiência maravilhosa, pois fazê-los acreditar que eles podem muito mais que imaginam. Mostrar que a Educação Pública pode muita coisa, mesmo com pouco recurso. Provar para as pessoas que meus alunos são os melhores no que fazem e que ninguém vai tirar deles a alegria da juventude.

Sei que alguns não acreditavam no resultado, mas outros, como alguns professores e os gestores da minha escola, além de acreditar, me deram muito incentivo e apoio para o desenvolvimento do projeto e saber que essas pessoas estavam ao meu lado foi o suficiente. Devo ressaltar que a professora Daniele, quando comentei sobre o projeto, logo se interessou e uniu-se a nós para apresentar seu espetáculo também. Da mesma forma que trabalhei com a encenação, ela se dedicou com a peça “Édipo o Rei”. Nós temos a mesma linha de pensamento e por isso dividimos ideias. O que fazemos é acreditar que sozinhas não somos nada; precisamos dos nossos alunos para aprender.

Professora Paula Cristina Ferreira

EE. Dr. Antenor Soares Gandra